

Leandro Gomes de Barros

Batalha de Oliveiros com Ferrabrás

QUEM
BUCAM



Editora Queima-Bucha

LEANDRO GOMES DE BARROS

Batalha de Oliveiros com Ferrabrás

Fram doze cavaleiros,
homens muito valorosos,
destemidos e animosos
entre todos os guerreiros,
como bem fosse Oliveiros,
um dos Pares de fiança,
que sua perseverança
venceu todos infiéis
eram uns leões cruéis
os Doze Pares de França!

Todos eram conhecidos
pelos Leões da Igreja,
pois nunca foram a peleja
que nela fossem vencidos.
Eram por turcos temidos,
pela igreja estimados,
porque, quando estavam armados,
suas espadas luziam
E os inimigos diziam:
– Esses são endiabrados!

Tinha o duque de Nemé,
que era uma espada medonha,
o grande Guy de Borgonha,
Geraldo de Monte Fé
Carlos Magno tinha fé
em todos os cavalheiros,
pois, entre todos guerreiros
de que nos trata a História,
vê-se sempre a vitória
de Roldão e Oliveiros.

O almirante Balão
tinha um filho, Ferrabrás,
que, entre os turcos, era mais
quem tinha disposição.
mesmo em nobreza e ação,
era o maior que havia
então, em toda a Turquia,
onde se ouvia falar,
tudo havia respeitar
Ferrabrás de Alexandria!

Foi Ferrabrás procurar
saiu com uma grande tropa,
ver se achava na Europa
um rei para pelear.
Pegou logo a exclamar,
com mais precipitação,
fazendo uma exclamação,
insultando os cavalheiros,
falando contra Oliveiros,
fazendo acinte a Roldão.

Quando Ferrabrás chegou
nos campos de Mormionda,
só um trovão, quando estronda,
troa como ele troou.

Em altas vozes gritou,
apoiado em uma lança,
como uma fera que avança,
precipitada em furor.

Dizia: – Ó Imperador!
Cadê teus Pares de França?

Estás poupando teus guerreiros,
que nem um vem pelejar?

Para que queres guardar
esses doze cavaleiros?

Ouço dizer que Oliveiros
tem tanta disposição
é própria a ocasião!

Se não tem dó dos guerreiros,
de uma vez mande Oliveiros,
Guy de Borgonha e Roldão!

Ninguém aí respondeu
e Ferrabrás se apeou,
numa sombra se sentou,
em altas vozes rompeu:
– Carlos Magno se escondeu
ou está hoje sem ação?
Os Pares onde é que estão?
Não ouço nem um falar!
Já não posso acreditar
nas façanhas de Roldão!

Sairei daqui dizendo:
– Carlos Magno se escondeu!
Roldão não me apareceu
talvez ficasse tremendo!
Estou só como estás vendo,
eles são doze guerreiros
como doze cavaleiros
não dão batalha a um só?
Porque não vem uma mó,
Roldão, Ricarte, Oliveiros?

Eu sozinho nesta campanha
contra um exército francês,
se matá-lo de uma vez,
não digo que isto é façanha
um exército não me ganha,
ainda mesmo doente!
Como é que existe gente
que se atreve a exaltar
e pelo mundo espalhar,
que Carlos Magno é valente?

Carlos Magno perguntou
quem tanto o insultava,
quem tão rebelde falava.
Ricarte aí lhe explicou;
lhe disse: – Esse que chegou
é um grande da Turquia,
turco de muita energia!
Impera sobre o seu trono
é o legítimo dono
do reino da Alexandria!

Aquele foi quem entrou
dentro de Jerusalém,
não respeitando ninguém
até apóstolo matou!
No templo sagrado achou
bálsamo que Deus foi ungido,
coisas que tinham servido
na paixão do Redentor,
a coroa do Senhor
tudo ele tem conduzido!

Carlos Magno observou
que nem um se ofereceu.
Logo aí entristeceu,
chamou Roldão e o mandou.
Disse Roldão: – Eu não vou,
nem eu, nem meus companheiros!
Nos combates derradeiros,
nós esgotamos os valores
quem foram merecedores,
foram os velhos cavalheiros!

Nessa última batalha,
sangüinolenta e tirana,
minha espada Durindana
não mostrou uma só falha
daquela bruta canalha
arrebatei a vitória!
Me ficarão na memória
aqueles grandes perigos
aos cavalheiros antigos,
foi a quem destes a glória!

Carlos Magno, quando ouviu
a resposta de Roldão,
se encheu de tanta paixão,
que um ferro lhe sacudiu.
Roldão, quando olhou, que viu
o sangue dele descer,
não pôde mais se conter
se armou com tal furor,
que não foi ao imperador
por Ricarte se intervir.

Carlos Magno ordenou
que os Pares o pegassem,
depois de preso o matassem.
Roldão de novo se armou,
pela espada puxou
e disse em alta linguagem
com desmedida coragem,
falou a todos assim:
– Qualquer que tocar em mim,
diga que está de viagem!

Tudo ali ficou calado,
não falou um cavaleiro:
Roldão era um companheiro
dentre todos mais amado.
De mais, era respeitado
pela nobreza e ação,
tinha um leal coração
para com seus companheiros
e mesmo, dos cavaleiros,
era ele o capitão.

Carlos Magno ficou
certo de que ninguém ia
disse que mesmo queria
ver quem o desafiou.
Quando a notícia chegou
aos ouvidos de Oliveiros,
que soube que os cavalheiros
não tinham lhe obedecido,
ficou bastante sentido
desta ação dos companheiros.

Ordenou ao escudeiro
o cavalo lhe selar
e mandou logo aprontar
arreios de cavaleiro.
E gritou: – Ande ligeiro!
Me ajude logo armar!
Pode o turco se gabar:
matei um dos cavalheiros!
Porém não diz: – Oliveiros
temeu comigo lutar!

Assim que Guarim sentiu
seu senhor falar em guerra,
pôs os joelhos em terra,
até por Deus lhe pediu,
porque imaginou e viu
que ele não estava capaz,
porque já era demais
o sangue que lhe saía
por isso, por Deus, pedia
que não fosse a Ferrabrás.

- Guarim, podes descansar!
Oliveiros respondeu.
Um soldado como eu
não deixa seu rei chorar!
O turco há de acreditar
que mil feras não me comem
minhas façanhas se somem,
mas, enquanto eu não morrer,
Ferrabrás há de dizer:
em França encontrei um homem!

Quando do leito se ergueu,
pôs uma perna estendida;
logo aí, de uma ferida,
porção de sangue desceu.
O escudeiro tremeu,
assim que o sangue estancou
e ele não se importou
com quem estivesse são,
fincou a lança no chão
e de um pulo montou.

E foi ao imperador.
Com a maior reverência,
disse com obediência:
- Esclarecido senhor,
eu não sou merecedor
que coisa alguma me dê!
Por isso, senhor, bem vê
que valor tem seu cativo
por dez anos que lhe sirvo,
vim pedir-lhe uma mercê!

Disse-lhe o imperador:
– Pode, Oliveiros, dizer
eu juro o satisfazer,
seja que pedido for!

Disse Oliveiros: – Senhor,
não quero coisa demais
e não serei tão capaz,
para tanto lhe pedir
porém o que quero é ir
dar batalha a Ferrabrás!

Carlos Magno quis faltar,
devido ao seu mau estado,
porém, já tinha ordenado,
não podia revogar.

viu Oliveiros montar
e muito sangue sair
rogou-lhe para não ir.
Disse Oliveiros: – Irei!
Desfeiteando meu rei,
do que me serve existir?

Não posso aqui declarar
o que era de mister
como ficou Regener,
vendo Oliveiros montar!
Ficou a se lastimar.
Vendo os outros cavaleiros.
Ele, com mil desesperos,
prostrado em terra se lança:
perdeu a última esperança
de ver seu filho Oliveiros!

Ferrabrás estava deitado,
sentiu chegar Oliveiros;
foi ver se eram os cavalheiros
a quem já tinha insultado.
Depois de ter bem olhado,
cresceu-lhe mais o furor
com desprezo aterrador
e raiva dos cavalheiros,
perguntou a Oliveiros:
– Que fizeste a teu senhor?

– Levanta-se, cavalheiro!
Prepare a arma, se apronte
pegue o cavalo, se monte,
trate de ser bom guerreiro!
Ponha seu corpo ligeiro,
veja, não dê uma falha:
a morte entre nós se espalha,
a hora de um é chegada!
Lance mão de sua espada
vamos entrar em batalha!

– Quem és tu, tão pequenino,
que vens me desafiar?
Achas que vou me ocupar
em dar batalha a menino?
És louco, ou não tens tino!
Disse o outro com furor.
Seja por qual forma for,
me diga agora, confesse:
e o que foi que fizesse
contra o teu imperador?

Disse Oliveiros, zangado:
– Venha pelejar comigo!
Perante teu inimigo,
é ser vil pôr-se deitado!
Devia ser delicado
(Ihe refletiu Oliveiros)
na Ordem dos Cavalheiros,
encontra-se a educação
pois isso não é ação
vinda dos grandes guerreiros!

O turco disse, afinal:
– Oh, cavalheiro, lhe digo:
só pode lutar comigo,
se for de sangue real
porque, se não for igual,
recusarei a empresa!
Falo com toda franqueza!
Então, Oliveiros disse:
– Pode crer como que visse
minha origem é de nobreza!

Ferrabrás lhe esclareceu:
– Teu nome há de me dizer!
– Primeiro, eu hei de saber,
disse Oliveiros, do teu!
Disse Ferrabrás: – O meu
o direi sem mais porfia,
pois minha soberania
não exige coisas tais
eu me chamo Ferrabrás,
sou o rei de Alexandria!

– Eu sou Guarim de Lorenda!
Oliveiros respondeu.
Hoje foi que sucedeu
dar a primeira contenda
e lhe digo que se renda,
que o levarei com amor!
Fique sabendo o senhor
que não pode escapar
hoje tenho de o levar
para o meu imperador!

O turco disse-lhe assim:
– Teu rei é muito malvado,
pois pega um pobre soldado,
sem causa quer dar-lhe fim!
Porque, em tu vires a mim,
é ser muito louco ou bobo
é como fazer um roubo
a quem não possui dinheiro!
É atirar um cordeiro
dentro da jaula de um lobo!

Oliveiros, já maçado,
disse ao turco: – És um louco!
Levanta-te, se não, com pouco,
hei de ferir-te deitado,
que tempo se tem passado
nessas tuas discussões!
Eu não vim ouvir razões,
vim ao campo pelejar
tu és franco no falar,
vamos ver as tuas ações!

Ferrabrás, sem se alterar,
Ihe disse: – Espera, Guarim!
Peço que digas a mim
o que vou te perguntar!
Então, pôs-se a indagar
com a fala muito mansa,
como quem pensa e descansa;
perguntou a Oliveiros:
– Como são os cavalheiros
que formam os Pares de França?

Oliveiros disse assim:
– Roldão tem boa estatura.
Oliveiros, na figura,
é mesmo que ver a mim.
Guy de Borgonha, Bonfim,
Ricarte são quase iguais,
pegou num, é um voraz
porém, enquanto Roldão,
em coragem e coração,
o mundo não terá mais!

Disse Ferrabrás: – Então
por que, desses cavalheiros,
não veio a mim Oliveiros,
Guy de Borgonha ou Roldão!
Disse Oliveiros: – Isso não!
Oliveiros está doente,
Bonfim também anda ausente,
Guy de Borgonha ficou,
Roldão nunca se ocupou
brigar com um turco somente.

– Guarim, tu me tens mentido!
Dizes que és novo guerreiro
és antigo cavaleiro,
tanto que estais ferido!
Mas Oliveiros, fingido,
disse: – Este sangue é de agora
eu estou são, porém embora
tenha na junta algum calo.
O sangue é de meu cavalo,
que é muito duro de espora.

Depois de se levantar,
Ferrabrás se preparou
e a Oliveiros rogou
que o ajudasse a se armar.
Oliveiros quis faltar,
por achar que era perigo;
Disse Ferrabrás: – Lhe digo,
confie em minha nobreza
eu não uso de vileza
para com meu inimigo!

Oliveiros se apeou,
ajudou a Ferrabrás;
com cortesias iguais,
ele também o tratou.
Quando Ferrabrás se armou,
vestiu a saia de malha
na qual não tinha uma falha
feita por outros guerreiros,
montaram-se os cavaleiros
deram começo à batalha.

Posto em ordem, prosseguiram
a luta em estreitos passos;
Das grossas lanças os pedaços
de ambos ao longe caíram.
Ambos logo se serviram
de duas finas espadas,
cortantes, grandes, pesadas,
que era uso dos guerreiros.
Das feridas de Oliveiros
foram três amagoadas.

Disse Ferrabrás: – Guarim,
pela crença dos fiéis,
confessas logo quem és
não sejas fingido assim!
Creio que mentiste a mim:
– Tu és um dos cavalheiros
e talvez um dos primeiros
que a fama está espalhada!
Pelo pegar da espada,
és Roldão ou Oliveiros!

Disse a hoste dos guerreiros:
– Turco, tens uma atração
para roubar coração
dos mais duros cavalheiros!
Confesso: sou Oliveiros!
Minha fama tens ouvido!
Ferrabrás ficou sentido
dos seus insultos primeiros.
Disse: desculpe, Oliveiros,
não tê-lo bem recebido!

Aí, tornaram a partir,
em ordem de cavalheiros.
Disse o turco: – Oliveiros,
não posso mais te ferir!
Vejo teu sangue sair,
por estar muito estragado!
Tenho o bálsamo sagrado
com que Jesus foi ungido,
bebe-o, porque estás ferido
bebendo ficas curado!

– Turco, eu não hei de aceitar
coisa alguma que me deres,
salvo só se tu quiseres
crer em Deus, te batizar!
Do contrário é te cansar,
porque não aceito nada
estou com a vida arriscada,
sei do poder que tem ele,
oorém só me sirvo dele
tomando-o pela espada!

Aí ambos, prevenidos,
não escutaram razões;
Pareciam dois leões,
numa jaula, enfurecidos.
Dois golpes iguais, medidos,
todos dois descarregaram
com a força que botaram,
os braços ficaram bambos
e os cavalos de ambos
em terra se ajoelharam.

Oliveiros recebeu
um golpe tão desmarcado,
que ficou atordoado
e muito sangue desceu.
O turco aí conheceu
dele as forças abatidas;
com vozes compadecidas,
disse: – Oliveiros, teimoso!
Bebe o bálsamo milagroso,
que te cura essas feridas!

Ferrabrás, eu não aceito,
assim não deves cansar-te!
Confesso, de minha parte,
que toda a oferta rejeito,
porque eu não me aproveito
duma ação acobardada,
por uma proteção dada
pois que prefiro morrer,
que do teu bálsamo beber,
sem o tomar pela espada!

Beijou a cruz da espada,
prosseguiu uma oração:
– Ó Virgem da Conceição,
Maria Pia e Sagrada!
Mãe de Deus, Imaculada,
Esposa casta e fiel!
pelo vinagre e o fel
que Cristo bebeu na cruz,
rogai por mim a Jesus,
nesta batalha cruel!

Partiu ao seu contendor
com tanta disposição,
que só se estivesse são
teria tanto valor.

Deu-lhe um golpe matador,
porém pegou mal pegado,
feriu o turco de um lado.

Ferrabrás se desviou,
tirando o bálsamo, tomou,
ficou de tudo curado.

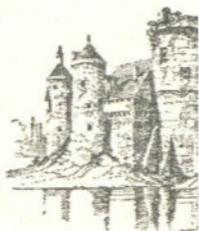
Oliveiros entristeceu,
quando viu Ferrabrás são,
e disse no coração:

– Quem perde a luta sou eu!
Porém não esmoreceu
sem demonstração de falha,
como o homem que trabalha,
disse sem poder conter-se:
– Falta pouco para ver-se
o fim de nossa batalha!

Disse o turco: – Cavaleiro,
tu já estais muito ferido!

Queira aceitar meu pedido:

– Rende-te prisioneiro!
assim, te farei herdeiro
do reino de Alexandria
e tem mais a garantia:
de hoje para amanhã,
casar com a minha irmã,
a flor de toda Turquia!





Disse Oliveiros: – Senhor,
não preciso de riqueza
quero morrer na pobreza,
mas bem com meu Salvador,
porque foi meu criador
e por minh'alma trabalha,
um instante não empalha,
para salvar os fiéis!
Turco, cuida em teus papéis
vamos dar fim à batalha!



Cobriu-se com seu escudo,
beijou a cruz da espada
e deu uma cutelada,
que desceu arnês e tudo.
E, dando outra a miúdo,
a Ferrabrás ofendeu.
O céu o favoreceu:
um revés escapuliu,
o bálsamo dele caiu
e Oliveiros bebeu.



Ferrabrás, admirado,
por ver tanta ligeireza,
e ver aquela destreza
em quem já estava cansado,
viu Oliveiros curado
de todas suas feridas
suas forças abatidas,
mas estava tão renitente,
que lhe parecia um vivente
com quinze ou dezesseis vidas!

Depois de ter apanhado
o bálsamo que lhe serviu,
dentro do rio sacudiu
o que tinha inda ficado.
Ferrabrás ficou maçado
por Oliveiros botar
o que não podia achar
ainda a peso de ouro
do mundo todo tesouro
não poderia comprar!

Oliveiros respondeu:
– Ferrabrás, fique sabendo
que Deus tudo está vendo,
pois o mundo todo é seu!
Um guerreiro como eu
não vai atrás de cilada:
com Deus, não me falta nada,
me basta os prodígios seus
não quero mais do que Deus,
uma lança e uma espada!

E tornou a investir,
que só um leão voraz!
E disse: – Senhor Ferrabrás,
é tempo de decidir!
Só se ouvia eram tinir
as espadas pelo ar.
Roldão, que estava a olhar,
de vez enquanto dizia: –
– Oliveiros, só queria
20 estar agora em teu lugar!

Já tinham se espedaçado
Arnês, capacete e tudo.
Não tinha mais um escudo
que não tivesse quebrado.
As lanças tinham voado,
só as viseiras existiam
eles já mal se cobriam
nas horríveis cutiladas!
Somente as duas espadas
sem dano algum resistiam.

Oliveiros se preparou
e partiu ao inimigo.
O turco viu o perigo,
a pé firme o esperou
um golpe nele deitou,
com tanta disposição,
sem ser propósito ou traição,
nesses golpes tão ligeiros,
o cavalo de Oliveiros
caiu sem vida no chão.

– Turco, estais bem montado
e o meu cavalo morreu!
Ferrabrás lhe respondeu:
– Mas eu não fui o culpado!
Não ficarás desmontado,
eu sei a ordem qual é!
Não desanimes da fé;
eu fui quem matou o teu,
agora montas no meu
eu vou pelejar a pé!

Disse Oliveiros: – Não
fico também desmontado!
Tu não foste o culpado!
Assim era ser vilão!
Por certo eu tinha razão,
porque tu mataste o meu
foi caso que aconteceu,
era-me feio aceitá-lo!
Não brigo só a cavalo
podes descansar o teu!

Aí Ferrabrás atou
num arvoredado o cavalo
e disse: – Vou descansá-lo,
sua ocasião chegou!
Para a batalha marchou,
com toda a disposição.
Oliveiros, forte e são,
esperava cara a cara,
com a espada Alta Clara,
rugindo que só um leão.

Eu gora me lembrei
da falta que cometi
mas foi porque me esqueci,
por isso não relatei.
Porém sempre falarei,
para o leitor se agradar
quem sabe, há de se lembrar,
na luta dos cavalheiros,
o cavalo de Oliveiros,
quando quis desembestar.

Com a grande cutelada
que Oliveiros recebeu,
quando o cavalo correu,
não obedecendo a nada
saiu numa desfilada,
mas o turco o atalhou.
Oliveiros até pensou
que fosse alguma tragédia
o turco pegou na rédea
e o cavalo parou.

Outra parte, que dizia,
quando o cavalo do turco
foi voá-lo num cavuco,
Ferrabrás quase morria.
Oliveiros, com energia,
chegou nesta mesma hora,
apeou-se sem demora
pegou ele pelas mãos,
que só sendo dois irmãos,
e botou Ferrabrás fora.

E tornaram a se bater
os ferozes cavalheiros.
O turco com Oliveiros,
ninguém podia entender
nada se ouvia dizer
no jogo das cuteladas,
as armas despedaçadas
com esse pesado jogo.
De longe via-se o fogo
que saía das espadas!

– Podes gabar-te, Oliveiros!
Disse o turco, admirado.
Olha que tenho lutado
com mais de mil cavalheiros
entre todos os guerreiros,
não houve quem me ferisse,
nem quem tanto resistisse
os golpes da minha espada!
Ela, por outra assinada,
nunca houve quem a visse!

Disse Oliveiros então:
– Tua espada não toraste
é porque não encontraste
com a espada de Roldão!
Ele, com ela na mão,
nunca encontrou ferro duro,
nem arnês de aço puro
que seus golpes resistisse,
nem metal que não rangisse,
nem cavaleiro seguro!

E cobriu-se com uma parte
do escudo, que ficou.
Com todo orgulho, gritou:
– Vamos dar fim ao combate!
A nós não há quem aparte,
disto já estou convencido
haja o que Deus for servido,
onde há campo e espadas,
as razões são desusadas,
24 conversa é tempo perdido!

E partiu, determinado
a Ferrabrás degolar,
mas não pôde aproveitar
o golpe descarregado
o turco pulou de um lado,
um golpe nele mediu.
Quando Oliveiros sentiu,
o braço lhe estremeceu
do golpe que recebeu,
a sua espada caiu.

Assim mesmo, inda pegou-a,
mas tinha o braço dormente.
O turco, rapidamente,
partiu a ela, apanhou-a,
pegou nela, examinou-a,
ficou muito admirado
e disse, entusiasmado:
– Oliveiros, estais vencido!
Isso aí está decidido,
porque já estais desarmado!

Porém pega tua espada,
não quero vencer-te assim!
Mesmo, quero ver o fim
desta batalha encantada,
pois está tão dilatada,
que já estou mal satisfeito!
Respondeu-lhe: – Só aceito,
por minhas armas tomada
tomá-la por mão beijada,
isto não é de direito!

Com um pedaço de escudo,
que no chão tinha ficado,
depois de ter apanhado,
disse Oliveiros: – Isto tudo
não fura, mas é pontudo
mata qualquer, está provado!
Guarim tinha observado;
foi a Carlos Magno, disse
que a Oliveiros acudisse,
que já estava desarmado.

Oliveiros viu então
que a sela de Ferrabrás
estava munida de mais,
com espadas ao arcão.
Com toda a disposição,
que só quem não tem juízo,
partiu ao turco indeciso
sem temeridade alguma,
puxou pelo cabo duma,
que se chamava Batizo.

– Agora sim, estou armado!
Disse ele a Ferrabrás.
Nas armas estamos iguais,
nenhum ficará maçado
cada qual zele seu lado,
que a batalha vai findar!
É tempo de aproveitar
a força, a coragem, o jogo
a batalha, a ferro e a fogo,
seja feliz quem ganhar!

E haja tempo! O ferro troa,
com golpes tão destemidos!
Das espadas os tinidos,
só um trovão quando zoa,
que o estampido reboa,
por vãos de serras e quebradas!
Como bombas disparadas,
raios de fogo subiam,
grossas faíscas caíam
daquelas duas espadas.

Ferrabrás a resistir
estava com tanta paixão!
Oliveiros, só um leão,
quando alguém o quer ferir,
disse: – Vamos decidir
esta batalha comprida!
A coisa está conhecida
um de nós hoje aqui erra
e, neste campo de guerra,
um há de deixar a vida!

Oliveiros aí se ergueu,
marcou-lhe a cabeça ao meio,
que foi o golpe mais feio
que um cavaleiro deu.
Ferrabrás estremeceu
e quase perde o sentido,
ficando muito abatido.
Disse consigo Oliveiros:
– Tu serás um dos primeiros
a seres hoje vencido!

E tornou a repetir
outro golpe desmarcado.
O turco, muito cansado,
quase o golpe o fez cair,
não podendo resistir
o golpe não respondeu.
Oliveiros conheceu
a falta de ligeireza,
mas viu que aquela fraqueza
não era defeito seu.

Diz Oliveiros consigo:
– Meu Deus! Se Vós concedêsseis
que este turco conhecesse
Que é feliz viver contigo,
o livraria do perigo
de sua alma se perder!
O céu havia de colher
uma alma quase perdida
que, depois de arrependida,
podia se converter!

Já de Ferrabrás a vida
se divulgava num sopro:
cada parte do seu corpo
tinha uma mortal ferida,
a força muito abatida
e ele em tudo mudado,
pálido e ensangüentado.
Oliveiros viu com calma
que o turco só tinha a alma
o corpo estava acabado!

– Jesus, filho do Eterno,
exemplo da redenção!
Livrai a este pagão
do abismo do inferno!
Dai-lhe um desejo moderno,
um intuito que o avise
nessa miserável crise
dai-lhe isso como prenda:
que tudo se arrependa,
creia em Vós e se batize!

Já estava Ferrabrás
muito rendido ao cansaço.
Já o seu esquerdo braço
não o podia erguer mais,
porque não era capaz
de resistir mais por ora.
e Oliveiros, por fora,
conheceu-lhe a gravidade;
com toda amabilidade,
disse: – Ferrabrás, agora

Quero que fiques sabendo
que existe um Deus que nos cria!
Sua força e energia
é como aqui tu estás vendo:
vim aqui quase morrendo,
todo chagado e ferido,
pois eu tinha combatido
para Ele defender
sem teu bálsamo beber,
fui de Deus favorecido!

Se tu chegasses a crer
na Santíssima Trindade,
no poderoso Deus Padre,
havia de conhecer
que ao mundo rege um poder
de grande sabedoria,
que tudo alimenta e cria,
fez o céu, a terra, o mar,
é mais puro que o ar
e mais claro do que o dia!

Esse, um dia, descerá
ao mundo das ilusões
e todas nossas ações
como juiz julgará.
E como te salvará,
tu, sem lei e confiança?
Sem ter n'Ele uma esperança,
vais ao Dia de Juízo?
Então, perdes o Paraíso,
essa grande e rica herança?

Deixe os ídolos que adora
e crê na Virgem Maria!
Crê num Deus que nos cria,
julga tudo em uma hora!
Bota estas ilusões fora,
que o demônio não te pise!
Pede a Jesus que o avise,
abraçe a religião,
pede das culpas perdão,
crê em Deus, e se batize!

Disse o turco: – Cavalheiro,
isso não hei de fazer!
Eu me sujeito morrer
no campo do desespero,
tenho os louros de um guerreiro,
brasão, honra, assim por diante
ainda que vá avante,
isto assim nunca farei!
Não deixo a lei que adotei
por dez montes de brilhante!

Dizendo: – Apolim, me valha!...
E se levantando cansado,
ainda dizia, animado:
– Vamos dar fim à batalha!
A morte não me empalha,
q vida é como um segredo,
o mundo é um cruel degredo
onde o mistério se encerra
golpe de espada, na guerra,
jamais me mata de medo!

Oliveiros pôde ver,
quando estavam descansando,
que ele estava desmaiando
e se arriscava a morrer.
Jamais podia viver,
devido ao seu mau estado
muitas feridas do lado,
era enorme a sangueira!
Das armas, só a viseira
apenas tinha ficado!

Ainda se levantou,
disse: – Senhor Oliveiros,
estes são os derradeiros
golpes que em guerra dou!
Oliveiros o esperou,
mas não queria o matar
seu desejo era o salvar,
não desejava mais nada.
Pôs na bainha a espada,
apenas para constar.

Assim que Ferrabrás viu
se ultimando sua vida,
pôs a mão sobre a ferida,
a Oliveiros pediu
julga-se que ele sentiu
uma emoção tanto ou quanto,
que disparou neste pranto
ressentido e magoado,
como se fosse tocado
do Divino Espírito Santo.

– Nobre grande cavaleiro!
Disse o turco, arrependido.
Agora estou convencido
que teu Deus é verdadeiro,
grande, bom e justiceiro,
ente de grande mister
faz tudo quanto Ele quer,
n’Ele não há quem o pise!...
Te peço que me batize
depois faça o que quiser!

Oliveiros, quando acabou
de ouvir o que ele dizia,
ficou com tanta alegria,
que, de contente, chorou.
As feridas lhe curou,
livrou ele de morrer.
Então, se ouvia dizer
aquela alma fiel:
– Bendito, ó Deus de Israel,
que foi, que é, que há de ser!

Estando Oliveiros sentido,
por ver assim Ferrabrás,
lhe disse: – Hoje serás
pelos Pares recebido
não por eu ter-te vencido,
mas sim por seres cristão,
porque a religião
abraça todo rebelde,
desde a hora em que pede
de suas culpas perdão!

Disse o turco: – Hás de montar
em meu cavalo e seguir
se o meu exército vir,
há de querer me tomar!
E cuida logo em te armar,
com a maior brevidade
tenho arma em quantidade,
de qualidade mais bela!
Uma presa como aquela
vale mais que uma cidade!

E detraz daquele outeiro,
tem dez mil turcos esperando
e mais que hão de vir chegando,
cada qual mais cavalheiro!
Onde tem cada guerreiro,
qual um tigre ou um leão
homens de disposição,
destros no jogo de lança,
pessoas da confiança
do almirante Balão!

E disse: – Hás de montar
em meu cavalo e seguir
e ajudar-me a subir,
para poder me levar.
E não deves demorar,
porque estou muito ferido
ficarei muito sentido
em morrer sem batizar-me
e ali tem a esperar-me
um exército crescido!

E Oliveiros, andando
por uma estrada que havia,
viu que de um monte saía
a força que estava esperando.
O turco foi-se apeando
e Oliveiros se armou,
sob uma sombra o deixou,
foi de encontro aos inimigos
um dos maiores perigos
que Oliveiros encontrou!



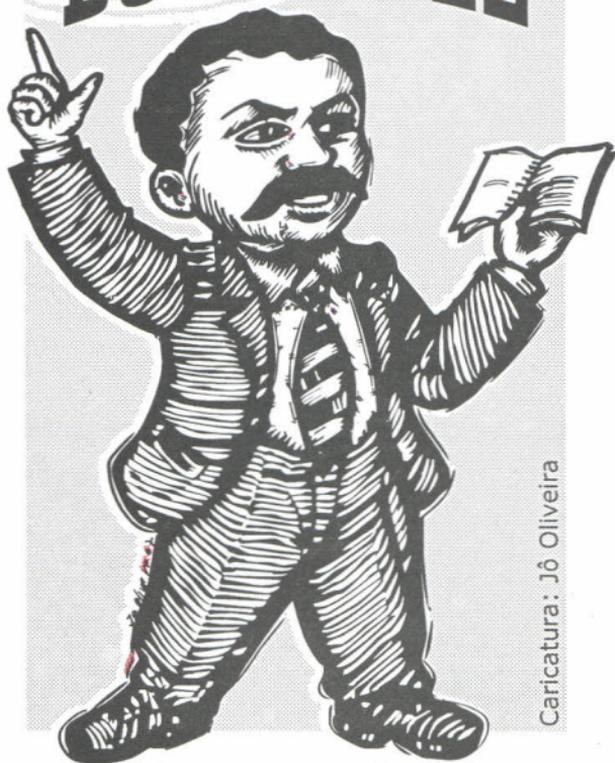
Leandro Gomes de Barros nasceu na fazenda Melancia, em Pombal-PB, no dia 19 de novembro de 1865 e faleceu em Recife-PE, no dia 4 de março de 1918, segundo alguns pesquisadores, vitimado pela Influenza espanhola. Leandro residiu até os 15 anos de idade no Teixeira, na Paraíba (berço dos grandes cantadores do passado), tendo se mudado após esse período para Vitória de Santo Antão-PE, onde casou-se com dona Venustiniana Eulália de Barros, com quem teve quatro filhos: Rachel, Erodildes (Didi), Julieta e Esaú.

Estima-se que sua vasta produção literária, iniciada em 1889, no estado de Pernambuco, atinge cerca de 600 títulos, dos quais foram tiradas mais de

10 mil edições. Entre 1906 e 1917 foi proprietário de uma pequena gráfica para impressão e distribuição de seus próprios folhetos, em Recife-PE, tendo vendido o seu prelo ao amigo Francisco das Chagas Batista, da Popular Editora. Após a sua morte, em 1918, seu genro Pedro Batista (irmão de Chagas Batista e esposo de Rachel Aleixo de Barros, filha de Leandro), continuou editando a sua obra em Guarabira-PB, fazendo algumas revisões de linguagem.

Em 1921 ocorreu a venda dos direitos autorais de Leandro Gomes de Barros, pela viúva do poeta, a João Martins de Ataíde, que passou a publicar os folhetos omitindo nas capas o nome do autor e alterando o acróstico na estrofe final de muitos folhetos. Escreveu folhetos de cordel de grande aceitação popular, como História da Donzela Teodora, Juvenal e o Dragão, Antônio Silvino, o Rei dos Cangaceiros e O Boi Misterioso. Pioneiro na produção de literatura de cordel no país, Leandro Gomes de Barros foi considerado por Luís da Câmara Cascudo "o mais lido de todos os escritores populares."

CLÁSSICOS DO CORDEL



Caricatura: Jô Oliveira

Leandro Gomes de Barros



**QUEIMA-
BUCHA**[®]



Editora Queima-Bucha

Rua Jerônimo Rosado, 271 - Centro
Mossoró RN - 59610-020

queimabucha@queimabucha.com

www.queimabucha.com



BIBLIOTECA DIGITAL ÁTILA ALMEIDA

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos da BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS ÁTILA ALMEIDA. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital — com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação de que uma obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br).